

PELA VOZ FEMININA: DENÚNCIA E TRANSGRESSÃO NO LIVRO *MULHERES E GUERRAS*

MOREIRA, Terezinha Taborda; JAECKEL, Volker; ABREU, Denise Borille. *Mulheres e guerras*. Participações femininas em conflitos armados através de textos contemporâneos. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020.

Ivana Teixeira Figueiredo Gund¹

As guerras, situações desoladoras de grandes aflições e perdas, perpassam a vida em diferentes histórias dos povos, em tempos distintos, em expressões socioculturais multifacetadas e centenas de justificativas – por certo, injustificáveis – para a deflagração dos conflitos. Suas consequências marcam a trajetória humana em variações de devastação e teor de violência. Uma delas, amenizadas por palavras mais suaves, como luta, batalha, contenda; outras tantas, escancaradas em seu poder devastador, representado no número de vidas ceifadas, no cenário de extermínio, nos traumas causados nas gerações futuras. Todas, em maior ou menor grau, mostram-se em discursos e narrativas sobre cenários de morte e destruição, sobre dores e infortúnios sociais.

Por fazer da vida humana matéria-prima de sua arte, a literatura apresenta um rol bastante amplo de obras que se inspiram nesses trágicos e temíveis eventos, utilizando-o para refletir sobre ele, denunciá-lo, criticá-lo ou falar por aqueles que, pelo impacto pessoal ou pela morte, não são capazes ou não podem mais expressar-se sobre isso. Esse tema, de tamanha relevância social e literária, aparece como motivo central no livro publicado no ano 2020, pela Editora PUC Minas. Trata-se, como evidencia o próprio título, de *Mulheres e guerras: participações femininas em conflitos armados através de textos contemporâneos*, com a organização dos professores Terezinha Taborda Moreira, Volker Jaekel e Denise Borille de Abreu, pesquisadores que possuem ampla experiência em pesquisas literárias sobre mulheres e narrativas de guerra. O livro é resultado de um evento organizado por dois grupos de pesquisa, *África e Brasil: repertórios literários e culturais*, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, e *Núcleo de Estudos de Guerra e Literatura* – NEGUE, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras - DEDC-X / UNEB. Editora da revista *Missangas: Estudos em Literatura e Linguística* do PPGL - DEDC-X/UNEB. Professora vinculada aos grupos de pesquisa: Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL, UNEB - DEDC-X; e Núcleo de Estudos de Exílio e Migração (NEEM) - FALE/UFMG.

Os professores organizadores escolheram abarcar no livro treze artigos que analisam a devastação dos espaços de guerras, assim como as perdas e os traumas originados na experiência dos conflitos cruéis que aparecem em diferentes obras literárias. Porém, o tom da diferença é garantido, sobretudo, porque os estudos integrantes do livro pautam-se em obras que apresentam a perspectiva feminina, a partir de narrativas de mulheres, entre autorias e construções ficcionais de personagens. Após os artigos, o livro conta ainda com uma esclarecedora e sensível entrevista, da moçambicana Paulina Chiziane, escritora de grande importância para a literatura de seu país e que discute, em suas obras, tanto as cicatrizes da guerra quanto a condição feminina em Moçambique.

Guerras são declaradas por interesses nacionais, econômicos, conquista territorial, disputa de poder, imposição de crenças ou valores, disseminação de uma determinada denominação religiosa, desacordo entre concepções étnicas, entre outros motivos. Suas consequências atingem povos, comprometem futuras gerações, ocasionam sofrimentos e perdas para muitos que nem mesmo se fizeram presentes nos campos de batalha, nas prisões, nos exílios. Contudo, mesmo que envolvam muitas pessoas, as literaturas que tratam de memórias de guerras são construídas, de maneira mais frequente, pela interpretação masculina.

No imaginário popular, a frase de Susan Sontag, demonstra isso, pois “a guerra é um jogo de homens”. A predominância do discurso masculino sobre a guerra – resultado de processos históricos que impediram as vozes femininas de se pronunciarem em textos próprios –, permite a eles o direito à narração, especialmente, sobre as lutas armadas, as motivações para a deflagração do confronto, as escolhas de estratégias de ataque e demais aspectos concernentes ao tema. Tornando-se a voz principal, o discurso masculino se impõe sobre outras vozes, podendo até mesmo desconsiderar, silenciar ou aniquilar outros pontos de vista.

Ruth Klüger também considera que o direito a falar sobre a guerra esteve, quase sempre, associado à voz masculina. Para a escritora, citada em um dos artigos do livro aqui analisado. “as guerras pertencem aos homens e assim também as lembranças de guerra. Ainda mais o fascismo, mesmo que se tenha sido contra ou a favor: puro assunto para homens. Além disso: mulheres não tem passado. Ou não tem que ter algum” (KLÜGER apud SOUZA, 2020, p. 93). Nessa assertiva, está o cerne do livro em questão: problematizar o fato de que as guerras são quase sempre narradas por vozes masculinas e propor outras vias, ao pensar a guerra pelos relatos das mulheres, quer sejam as que vivenciaram terríveis episódios ou as que, por sua construção ficcional, criam figurações femininas capazes de dizer sobre as angústias e desgraças sofridas coletivamente por sua nação.

Nesse resgate de memórias das guerras – que são também memórias dos vencidos, dos forçosamente interditos, dos silenciamentos –, encontram-se, no livro *Mulheres e guerras*, artigos que apresentam análises de narrativas de importantes autoras, como a inglesa Virginia Woolf, a norte-americana Susan Sontag,

a ucraniana Svetlana Aleksievitch, a nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche, a brasileira Cecília Meireles, a espanhola Dulce Chacón, a austríaca Ruth Klüger, a alemã Agnes-Marie Griesbach, a santomense Alda Espírito Santo, a moçambicana Noémia de Souza, as angolanas Paula Tavares e Deolinda Rodrigues, entre outras. Pelos gentílicos aqui destacados, percebe-se que as dores e as perdas perpassam a vida das mulheres envolvidas, direta ou indiretamente, em cenários de guerra, em distintas nações e tempos. Suas escritas são lugares de memória e testemunhos: podem ser pensadas como instrumentos contra o esquecimento e uma forma de cura para os traumas das guerras, tanto para quem as escreve quanto para aqueles ou aquelas que veem nos textos literários suas histórias coletivas contadas a partir de perspectivas mais plurais.

Essa delimitação pensada para o livro situa-o no contexto contemporâneo – como propõe o subtítulo –, ao abrir espaço e divulgar lugares de fala de grupos minoritários, como é o caso das mulheres. Minoritárias não por uma questão quantitativa, mas, sobretudo, por ser uma categoria que, ao longo da história, esteve (e ainda está) à margem do poder, da autonomia financeira, da liberdade cultural, religiosa e social, do direito sobre seu corpo e sobre seu pensamento. Com pouca representatividade nas esferas do poder e ocupando lugares socialmente subalternizados, tiveram sua condição de escrita (e de voz) silenciada no percurso histórico dos povos e nações. Contudo, mesmo calados à força ou subjugados pela cultura, os discursos femininos estão repletos de histórias para contar.

Por isso, mesmo que, tradicionalmente, a guerra seja lugar de fala masculino, as mulheres também são guardiãs de lembranças doloridas e, ao mesmo tempo, são elas as portadoras das narrativas sobre o entorno da guerra, sobre as vidas que se ligam aos conflitos, nem sempre por estarem no campo de batalha, mas por serem perpassadas pelas perdas e traumas vividos com a ausência, o exílio, a morte. Assim, buscar outros pontos de vista, inserindo as vozes das mulheres nas narrativas de guerra, em pé de igualdade com relatos oficiais ou mais conhecidos, transforma-se numa estratégia para contar a História por outros pontos de vista, uma vez que todo fato pode e deve ser ressignificado por outros lugares de fala.

Desse modo, ao reconhecer a importância do papel das mulheres nas lutas ou conflitos armados, o livro *Mulheres e guerras* propõe caminhos contra os perigos de uma história única ou da sobreposição dos relatos masculinos. As escritas dessas mulheres apresentam a guerra por tons diferentes, com carga de sensibilidade, iluminando pontos por vezes considerados menores em outras narrativas, como as histórias dos esquecidos, dos miseráveis, dos enlutados, das viúvas, das mães e dos órfãos.

As autoras destacadas no livro vivenciaram intensa e pessoalmente conflitos e escreveram sobre eles. Com seu fazer literário, denunciaram formas de violências, sofrimentos, humilhações e demais atrocidades. Por isso, suas escritas são ações transgressoras, uma vez que desestabilizam os lugares de fala; ampliam a palavra

para caber nela as emoções de cartas de despedida e de sentimentos das pessoas mais vulneráveis; relatam o cotidiano nos campos de concentração, os desejos das fugas, o sofrimento dos refugiados, o peso das memórias, o medo, o pavor diante da morte; narram exílios e perdas pessoais, perseguições, cenários em escombros, paisagens desoladoras, privações, despedidas; mas também contam sobre reconstrução, protagonismo feminino, rebeldia, insubordinação, resiliência e coragem.

Dessa forma, suas escritas saem do campo das memórias apenas pessoais, pois nelas estão os sofrimentos dos seus: com o fio tênue de outras tantas vozes partilhadas é que são construídas as vozes narrativas apresentadas em *Mulheres e guerras*. Elas expandem-se para a extensão de seus grupos sociais, quando, somadas, potencializam-se, ganham o sentido de suas coletividades. Cada uma, a seu modo, vai tecendo outros fios que reconstroem o frágil tecido da memória, ligando os pontos perdidos para se reconstruir cenas silenciadas e fortalecer o tom de denúncia que muitas vezes as narrativas femininas expõem em suas páginas, dentre elas, as memórias de mulheres como vítimas da repressão.

Sobre isso, nas análises apresentadas no livro *Mulheres e guerras*, revela-se a questão do corpo feminino em meio aos conflitos armados. Alguns dos artigos apresentam narrativas que denunciam violências físicas e sexuais contra mulheres; enfatizam os corpos femininos pelo pertencimento à terra, aos seus, à história; bem como mostram vidas femininas que se engajaram em lutas, que estiveram em prisões e campos de concentração, que sofreram as dores do exílio. Em outras palavras, os corpos femininos são apresentados como cartografias nas quais se podem verificar os caminhos violentos e opressivos pelos quais muitas mulheres transitaram em contextos de guerra, mas também mostram a superação que elas precisaram adquirir, quando vivenciaram esses cenários de devastação.

À vista desses argumentos, o livro *Mulheres e guerras* problematiza a escassez histórica de vozes femininas sobre as guerras e reafirma o direito de lembrar, ou seja, o direito à própria voz, à própria vida. As mulheres – muitas vezes compreendidas pelo Estado como cidadãs de segunda classe ou incapazes, por isso não obrigadas a servirem nos confrontos e que deveriam ser protegidas – mostram sua força e condição de reflexão de seu contexto, não somente em relação aos fatos ocorridos na guerra propriamente dita (torturas, condições subumanas no cárcere, execuções e traumas), mas observam outros aspectos e pessoas esquecidas no turbilhão violento e destruidor das guerras, pois as vidas que as perpassam contêm rostos e vivências que não podem ser esquecidas.

Isso porque a escrita feminina sobre a guerra traz consigo um olhar mais humanizado, como nos diz a escritora moçambicana Paulina Chiziane, na entrevista publicada ao final do livro *Mulheres e guerra*. Para ela, o sentimento da mulher em relação à guerra é diferente, há mais pormenores; nessas narrativas, a sensibilidade e a expressão são aspectos mais profundos. A escritora destaca ainda a importância de se escrever para que as gerações futuras não repitam os mesmos erros:

“[...] acho que não se pode esquecer o passado. A nova geração precisa ficar de olhos abertos. Ouvi falar de jovens alemães que esqueceram tudo que se passou na Segunda Guerra. E existem grupos de jovens que fazem reviver o sonho de Hitler. Será que não aprenderam? Será que não perceberam? Será que a história não foi devidamente contada? Mesmo tendo lido ou ouvido falar dos horrores da Segunda Guerra, ficaram com vontade de repetir a dose. É importante falar sobre essas guerras para as novas gerações” (CHIZIANE apud ABREU, 2020, p. 226).

Que seja assim: que pela voz feminina também sejam contadas as histórias das guerras e que, no lugar do esquecimento, haja a reflexão dos conflitos e as presenças dos relatos dos mais fragilizados por eles. Que o chamado moçambicano com o convite para escutar histórias – “karingana wa karingana” – seja repercutido entre as próximas gerações por meio também de narrativas femininas, com destaque para o aspecto humano, para a sensibilização diante das dores, para a empatia com quem sofre, para a coragem de denunciar, problematizar e transgredir.

Nesse sentido, o livro *Mulheres e guerras: participações femininas em conflitos armados através de textos contemporâneos* contribui muito fortemente para a divulgação de obras literárias de diversas autoras que escrevem sobre as guerras vivenciadas por elas e por suas comunidades.

Num mundo ainda marcado pela sobreposição dos relatos masculinos sobre a guerra, a mulher também se faz protagonista, emprestando sua voz, seus relatos, suas histórias marcadas, sobretudo, pela dor e sofrimento, pela opressão e violência, pela resistência e superação. São narrativas que precisam ser divulgadas, pois evidenciam a memória de seus povos e o não esquecimento dos atos atrozes vivenciados por elas.